

As Imagens e a Política: as Imagens Subjetiva e Objetiva¹

Dulce Adélia Adorno-Silva

Professora Doutora do Centro de Linguagem e Comunicação
da PUC-Campinas

Resumo

Afirma que se tornou senso comum, a idéia de que se vive na sociedade da imagem. Questiona, constatando que a imagem foi importante para a evolução humana e social, desde os povos primitivos. Observa que esse signo não é apenas exterior ao homem - representação icônica -, mas alicerça o desenvolvimento cerebral, por lembranças, sonhos etc. Assim, na evolução, o homem assimila a realidade, a qual também expressa. Logo, analisa a propaganda política que se faz pela imagem objetiva (signo icônico), para se fazer imagem subjetiva. Cita exemplos de políticos famosos, para comprovar a interrelação e a importância dos dois tipos de imagens. Para o estudo, utiliza o método complexo (Morin), pois se fundamenta em diferentes áreas do conhecimento e o empírico, porque os fatos citados partem da observação da realidade histórica vivenciada.

Palavras-chave: imagens; subjetiva e objetiva; relação; propaganda política.

Introdução

Atualmente, afirma-se com insistência que a humanidade vive na sociedade da imagem, mas é preciso rever essa posição, uma vez que o ser humano, quando inicia seu processo de representação do mundo, ele o faz por meio desse signo. Portanto, faz-se necessário retomar o sentido da evolução, por meio da observação dos registros feitos por estudiosos, para constatar que a imagem acompanha a evolução social, assim como o desenvolvimento humano, desde os primórdios da civilização, uma vez que o homem, além de interiorizar o mundo por meio de sua própria imaginação, também o expressou objetivamente por meio das linguagens.

Observa-se uma interação dialógica e/ou dialética entre a imagem representação, signo, e a imagem que se interioriza no cérebro humano e que se manifesta em sonhos, fantasias, desejos etc. Assim, passa-se a analisar a imagem nesses dois sentidos, direcionando sua importância para a propaganda política, visto que o poder se realiza e

¹ Trabalho apresentado no DT2- NP de Publicidade e Propaganda – Propaganda Política, componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

se sustenta por meio dos dois tipos de imagem. Para sustentação da observação de que os dois tipos de imagens estiveram presentes na sociedade humana, utilizam-se argumentos baseados em fatos políticos e respectiva propaganda, vivenciados e estudados durante as épocas citadas.

A Imagem subjetiva

Imagem sempre significa a representação de algo, mas essa representação pode-se fazer tanto no universo subjetivo, no interior do homem, como pode ser projetada para fora do corpo, tornando-se objeto, ou seja, uma representação feita pela capacidade técnica do ser humano, registro tanto do mundo onde vive e que ele observa, como de sua própria realidade interna. Portanto, é necessário retomar a importância da imagem interior para o desenvolvimento do homem, assim como o modo como ela propicia sua relação com o outro para que viva em sociedade. Assim, se ela se produz na mente humana, esse tipo de signo sempre participou da sociedade, porque os homens a constituem pelas linguagens.

A imagem subjetiva constitui-se, a partir da relação com o outro, com o mundo objetivo, que “não se pode, na verdade, separar das grandes funções psíquicas, a inteligência, a cognição, a memória, o desejo.” (AUMONT, 2007, p. 14). Nesse sentido, “os fatores situacionais” (p.15) denominam-se contexto e, assim, especificam-se: social, institucional, técnico e ideológico -, são elementos exteriores ao homem, mas que só possuem existência devido às relações humanas. Portanto, a alteridade torna-se fator fundamental para a imagem formada na mente humana, ou seja, o mundo exterior e o outro homem são estímulos, a que nosso cérebro responde por meio de imagens, que lá se formam e que inscrevem significações psíquicas, sociais, culturais etc.

A imagem, anterior à escrita, antes de sua expressão objetiva sempre constituiu um modo de o homem assimilar o meio circundante, para dominá-lo e nele sobreviver, assim como para construir a própria memória, que foi base para a evolução social, assim como a consciência que lhe favoreceu a possibilidade de convivência com o outro e de fazer escolhas em relação à própria vida. Por que a sociedade humana se constrói, a partir de relações interindividuais, o homem acaba definindo convenções que irão manifestar-se nas expressões objetivas da imagem.

O modo como o ser humano forma a imagem subjetiva é referenciado, a partir da teoria psicológica da Gestalt, pelas teses de Arnheim: “a percepção do mundo é um processo de organização, de ordenamento de dados sensoriais para torná-los conformes com certa quantidade de grandes categorias e de “leis” inatas que são as de nosso cérebro (cf. capítulo 1, 3.2.4)” (Ibidem, p.93). Nesse sentido, o autor evidencia o “pensamento visual”, mais imediato e que é organizado a partir da percepção, reiterando a idéia de que as imagens formadas, a partir da percepção, no cérebro humano são base do conhecimento, da memória e da consciência.

Contudo, não foi apenas a Gestalt, a única teoria psicológica a estudar a imagem interna, mas também a Psicanálise, da qual Freud é tomado como base teórica, que “distingue dois níveis de atividade psíquica: o nível primário, o da organização dos processos inconscientes (sintomas neuróticos, sonhos) e o nível secundário, aquele considerado pela psicologia tradicional (pensamento consciente).” (p.114) Este último representa por meio das linguagens, o controle do nível primário, que é a expressão neurótica, por meio da “linguagem do inconsciente” (apud).

Portanto, como a imagem compõe ou constitui a mente humana, concorda-se com Aumont, em relação à conclusão do capítulo em estudo: “a imagem é sempre modelada por estruturas profundas, ligadas ao exercício de uma linguagem”, que se contextualiza em uma organização sócio-cultural; assim, o signo icônico também “é meio de comunicação e de representação do mundo” (p.131).

Constata-se ainda que a imagem, anterior à escrita, não é apenas típica da sociedade atual, mas raiz da evolução humana, porque possibilitou ao ser humano, assimilar o meio circundante, contexto também do outro homem, em cujo relacionamento é capaz de desenvolver sua identidade, na qual incorpora a imagem do outro, que dimensiona também sua sociabilidade. Por isso, seu caráter sógnico (objetivo), dependente da técnica, procede de tempos imemoriais.

Sem dúvida alguma, o desenvolvimento cerebral humano ocorreu graças à bipedia; segundo Leroi-Gourhan, o primeiro critério de humanidade, foi a posição vertical, que teve como consequência a fala, devido à liberação da musculatura facial, assim como da atividade técnica devido à liberação das mãos (fim do terciário). Mas, considera o desenvolvimento do cérebro, um critério secundário, embora situe que "depois da

humanidade ter sido adquirida, tem papel decisivo no desenvolvimento das sociedades..." (1990, p.27)

No entanto, é preciso salientar que com essas características: linguagem e técnica-, houve um avanço significativo em relação à produção da imagem-signo, ou seja, objetiva (lançada fora do corpo), mas supõe-se que, por meio da representação mental feita pela imagem, suporte da memória e, depois, da consciência, o homem dominava a noção de espaço mesmo sem a precisão que hoje o avanço das linguagens tecnológicas determina. Da mesma forma, a noção de tempo é advinda da mobilidade que caracteriza o tempo que se institui também pela linguagem verbal oral. Sobre isso, assim se expressa Aumont: "A idéia do espaço está fundamentalmente vinculada ao corpo e seu deslocamento (...) O conceito de espaço é pois tanto de origem tátil e cinésica quanto visual." (p.37)

A imagem mental deveria ser fundamental para a sobrevivência imediata, assim como, para a futura, planejada. A importância do signo subjetivo, sempre interferiu na vida humana, expressando-se em sonhos, desejos etc como, por exemplo, os arquétipos que ainda sobrevivem na realidade humana.

Esse autor valoriza também o desenvolvimento do cérebro humano em função da aquisição da linguagem:

"Todo o dispositivo que acaba de ser descrito forma a armadura da linguagem do homem atual e a experiência neurocirúrgica mostra que as zonas de associação, que envolvem o córtex motor da cara e da mão, participam conjuntamente na elaboração de símbolos fonéticos ou gráficos." (LEROI-GOURHAN,p. 90)

Segundo ainda esse autor: "O cérebro do homem de Neanderthal correspondia sensivelmente ao nosso pela sua constituição em células, particularmente no córtex médio." (p.102) Assim, esse homem provavelmente já possuía representação icônica cerebral, como se tem ainda hoje.

O autor afirma que há documentos que comprovam que os neanderthalenses possuíam técnica, *habitat* e atividades de caráter estético e religioso. (p.102) Com isso, comprova-se a presença dos signos objetivos, cuja base é a técnica e a linguagem como expressão simbólica. (p.189).

Conclui-se que a imagem só se tornou figurativa, ou exteriorizou-se, porque antes foi dimensionada pela mente humana, como ícone da realidade, ou seja, representação analógica, por meio da apreensão feita pelos sentidos, conforme expressa Lúcia Santaella (1998) ao analisar os epicuristas e filósofos como Hume e Locke.

A Imagem objetiva

Conforme Leroi-Gourhan, as primeiras figuras objetivas conhecidas, estão distantes de nossa época pelo menos cerca de 20 mil anos, período em que também se encontram os primeiros testemunhos de identificação da forma, que se origina na curiosidade em relação ao incomum. O insólito (o incomum, o desconhecido), que precede a visão refletida na forma, só existe, quando o sujeito confronta uma imagem organizada do seu universo de relação com os objetos que invadem o seu campo de percepção.(p.183)² O contato com o desconhecido, com o mistério, levou o homem primitivo a relacionar sua curiosidade à magia.

Além do contato com a forma insólita que o atraiu devido ao impacto que lhe causou, como os cristais, cujo brilho deve tê-lo impressionado, junto aos fósseis do homem primitivo foram encontrados também os desenhos em ossos (de 35mil anos antes de nossa era) marcados com incisões regulares, que denotam intenção de repetição (ritmo) e que representam o primeiro testemunho de uma verdadeira figuração. (p.186) Nesse momento, o homem já possuía domínio do ritmo e da figuração. As manifestações da arte de pintar e de esculpir (30 mil a 8 mil anos antes de nossa era), representam grupo de figuras masculinas e femininas e de animais, principalmente, o cavalo e o bisonte, que traduzem a figura de um mito e como as figuras das cavernas, que expressam um pensamento religioso coerente e, não, figuras dissonantes.

Aproximadamente, em 30 mil a.C., aparecem as primeiras formas e, pelo modo como se inscrevem, “a arte figurativa está, na sua origem, diretamente ligada à linguagem e muito mais próxima da escrita no sentido lato do que a obra de arte”. (p.19) As primeiras figuras são transposições simbólicas e, não, decalque da realidade: há grande distância entre a representação e o objeto representado. Nesse sentido, as cenas mais antigas representadas não são descrições da realidade, mas suporte de um contexto oral perdido (apud), portanto de caráter mitológico. O ritmo é, portanto, anterior às figuras explícitas cuja evolução se dá no decurso dos tempos. Deduz-se que o conteúdo verbal já havia sido dominado e precede os esforços de tradução manual que se processa lentamente por mais de 10mil anos. A representação icônica evolui junto com a percepção do mundo, que se faz pelos sentidos.

² André LEROI-GOURHAN, *O Gesto e a Palavra: Técnica e Linguagem*, vol. 2, p.183.

A evolução do realismo paleolítico contou com três aspectos: forma, movimento e pormenor –, e foi uma aquisição extremamente lenta na vida das artes e tudo conduziu para o ponto de coincidência entre imagem e realidade, procurando, assim como as técnicas o fazem, um ponto ideal em que a representação não mais se distinguisse do modelo. Então, um mesmo estilo mantém-se invariável por milênios e, quanto às formas, a sua exatidão, o movimento e o pormenor são pouco realistas porque mulheres, bisonte e cavalos obedecem a uma mesma convenção: em torno do corpo inscrevem-se atributos de identificação. (p.192) Os contornos dorsais dos animais são quase idênticos para todas as espécies.

O signo icônico³, a imagem objeto, menos convencional que a escrita, não necessita de conhecimento prévio para ser entendido; configura-se por meio de traços, diferente da fala e da escrita que se constituem por unidades discretas. Ele foi, durante milênios, o único registro das ações e da história primitiva do homem.

A imagem (o ícone), expressão objetiva, representação do objeto por semelhança ou analogia, caracteriza-se não unicamente pelo fato de o próprio homem manejar o instrumento de sua expressão, mas pelo fato de que a representação provém da natureza por meio da observação direta do olhar humano. Com esse signo, nenhum instrumento separa o olhar humano no ato de observação do mundo.

Há ainda que considerar o valor da imagem em detrimento da escrita. A imagem, em sua relação com o objeto ou referente, diferentemente do signo verbal, representa-o por analogia, ou seja, a representação sígnica de algum modo remete ao referente, assim: o desenho de uma árvore faz com que se lembre dela, ao passo que o signo verbal nada tem de semelhante com o referente. A palavra cadeira não lembra o objeto; quem não é falante da língua portuguesa, ao ver a palavra, não é capaz de reconhecer o significado que a ela se amarrou por convenção. O mesmo acontece com a escrita que, em um dado momento, perdeu as características pictográficas ou ideogramáticas.

Quanto à analogia, podemos, com ousadia, substituí-la pela relação homológica dos signos técnicos com a realidade, porque procuram substituí-la pela imagem buscando

³ Charles Sanders PEIRCE, apresenta uma característica importante de ícone: “O único meio de transmitir diretamente uma idéia é por via de um ícone; ...” op.cit., p.117 - e antes, à p.116, “Assim, qualquer coisa tem condições de ser um *Substituto* de qualquer coisa que se assemelhe...” - e ainda: “ O ícone é desprovido de conexão dinâmica com o objeto que representa; ocorre simplesmente que suas qualidades fazem lembrar as daquele objeto e despertam no espírito, sensações análogas àquilo a que se parecem. Sem embargo e, em verdade, o ícone permanece desligado dos objetos.” - p. 129.

estabelecer com ela uma similaridade cada vez maior (como na magia simpática), incorporando a bidimensionalidade.

A imagem-signo (linguagem), a imagem objetiva, ou seja, lançada fora do corpo, primeiramente pela técnica, depois pela tecnologia, atende, porém, à expressão da imagem subjetiva, que se forma com o funcionamento de nosso cérebro; esta e aquela estão intimamente relacionadas. Assim, interessa entender a imagem subjetiva, sua relação com a imagem-linguagem e qual a importância de ambas para a sociedade que se sustenta pelo poder político.

Os usos políticos da imagem

Uma vez que a imagem sempre esteve presente na sociedade humana, porque se produz no e pelo cérebro, foi base do desenvolvimento individual e da evolução social. Ela pode ser linguagem da imaginação, dos sonhos, pode expressar psicopatologias, assim como favorecer a construção da memória. Enquanto memória armazena lembranças do passado, em função da própria história humana e favorece as escolhas futuras que podem ser expressão do planejamento, conforme Vygotsky (2003). Do mesmo modo, possibilita um diálogo intrapessoal responsável pela formação da consciência. Portanto, a imagem possui função de linguagem, ou seja, atende sempre à comunicação, seja ela interior (intrapessoal) ou exterior, por causa da relação com os outros homens (interpessoal) ou com a própria realidade.

Portanto, em relação ao uso da imagem (signo icônico) procura-se exemplificá-lo, evidenciando-se a imagem objetiva como também a subjetiva: aquela a partir de imagens criadas para sustentação do poder político; e esta, a partir de análise feita por psicanalistas, como também vivenciadas pela autora.

É evidente que a imagem possui grande importância para o exercício do poder: "a importância suprema de vencer, a negação do sentimento e o papel da imagem são sumamente evidentes na guerra" (LOWEN, 2000, p. 55), onde vitória ou derrota são diretamente proporcionais à vida ou morte e não há lugar para sentimentos e valores humanos., porque o poder é narcísico. A necessidade de vencer remete a um desejo humano ancestral (arquétipo) e, para o poder, a imagem deve expressar esse desejo humano, ou seja, a imagem-objetiva precisa comunicar a linguagem da dominação, de forma adequada, para que esse significado exteriorizado, seja incorporado ao cérebro da

massa⁴. Esse desejo é comunicado por meio de imagens, as mais diversas, embora todas em torno do mesmo objetivo que elas tornam explícito. Se a situação é de guerra, a imagem a ser derrotada é divulgada pelo poder e, acaba sendo incorporada mentalmente por todos os soldados, por exemplo, na Guerra contra o Iraque, quantas pessoas foram mortas, por causa do terrorista, Bin Laden, cuja imagem objetiva divulgada amplamente foi interiorizada pela massa como ameaça ao povo americano.⁵

Antes disso, porém, já foi constatada a necessidade de controle que o poder assume, para sustentar-se, enquanto poder. Outro psicólogo, Schwartz-Salant (1988) refere-se a essa característica do poder, que se mostra pela grandiosidade e pelo exibicionismo⁶, para imposição de seu ponto de vista, anulando o dos outros indivíduos. Essa atitude exibicionista do poder já foi expressa pelas imagens-signos, por meio de logotipos, de *banners*, fotos, filmes etc. Como o poder é narcísico, ele deseja que seu reflexo seja espelhado por todo o povo. Essa atitude pode ser observada principalmente durante os estados de exceção, assim como nos estados totalitários.

Além da Guerra contra o Iraque, outro exemplo marcante historicamente, são as imagens objetivas usadas pelo nazismo para impor-se como poder: o símbolo da suástica, imagem que passou a representar para todo povo alemão o significado ideológico do poder, definindo também as normas sociais do período. Indicam-se ainda os filmes de cinema cujas imagens definiam a grandiosidade da proposta da guerra: Triunfo da Vontade (Leni Riefenstahl) e o filme O Judeu Süß (Harlan Veit), que expressavam a imagem absolutamente negativa do povo considerado inimigo. Tudo correspondia à profusão de imagens objetivas para que se propagasse a intenção do poder, a fim de que se fizesse, nos indivíduos da massa, memória ou consciência em favor da guerra. Outra imagem planejada pelo poder é a da postura corporal e/ou do gesto, como a saudação nazista, que permanece ainda hoje na memória da maioria dos indivíduos.

É marcante também a preocupação com que os representantes do estado totalitário se dirigem à massa. Muitos exemplos afloram à memória, como os de Vargas, que

⁴ O conceito de massa é extraído de Elias Canetti, que a entende como uma reunião de indivíduos, que possuem uma meta e não objetivo, que reagem emocionalmente e coletivamente, e perdem a identidade.

⁵ Contudo, sabe-se que o motivo dessa guerra não foi o ataque às imagens arquitetônicas do poder americano (político, econômico e militar), mas em função da economia sustentada pelo petróleo, visto que o país atacado possui uma das maiores reservas do mundo, desse produto.

⁶ A autora já escreveu um artigo sobre O Empreendimento como linguagem do poder totalitário.

projetou a imagem de “pai dos pobres”, quando fez algumas concessões à massa de trabalhadores, que as reivindicava. Após isso, a grande proliferação de imagens favoráveis assentou-se não apenas no cérebro dos operários, mas fotos e estatuetas situaram-se nos sindicatos, comícios, escolas e outros espaços públicos, como nos cinemas com os documentários (essa imagem era sempre reforçada por transmissões radiofônicas). O mesmo ocorreu durante a Ditadura Militar, no Brasil, mas com o acréscimo das imagens do “milagre econômico”, veiculadas pela televisão, por meio da qual a classe média interiorizou-as, durante o governo Médici, cujo período foi denominado “anos de chumbo”, devido aos atos de violência contra a oposição.⁷

Com a evolução da técnica, a imagem objetiva transformou-se, tornando-se mais fácil a sua produção, assim como o seu processo de registro na mente humana. A partir de estudos já realizados⁸, constatou-se que a recepção da imagem fílmica conta com as experiências vividas pelo espectador, o que mantém a noção de tempo, enquanto a imagem televisiva, devido à apresentação e à simultaneidade, desfaz essa noção da mente humana. Há, pois, dentro do próprio conjunto de imagens específicas das mídias irradiadas, modos diversos de receber ou de internalizar imagens, objetivamente e tecnicamente, dada a especificidade do meio. No entanto, há que se pensar também na assimilação das imagens políticas que se fizeram realidade, recentemente, no Oriente Médio, a partir das redes sociais.

O Oriente Médio constituiu-se, a partir da década de 60, em vários estados totalitários, dentre os quais o Egito, a partir de 1981, quando assumiu o poder, o presidente Hosni Mubarak, para suceder Anwar El-Sadat, que foi assassinado, porque, com a criação da República Árabe Unida, incomodava o Ocidente. Depois de três décadas sob a ditadura, um grande movimento contra o governo foi articulado, mas a imagem objetiva veiculada não foi a interpessoal (formada pelas palavras), como nos movimentos contra a Ditadura Militar no Brasil. Outro tipo de imagem, aquela intermediada pelo computador, cuja tecnologia rompeu com a imagem da mídia irradiada, centralizada e editada como, por exemplo, a da televisão, foi usada para articular o movimento de oposição ao governo. A imagem, expressa pelas Redes sociais, pressupõe um contato interpessoal, direto e não manipulado intencionalmente, porém é apenas uma

⁷ Para quem não vivenciou esse período, essas informações podem ser encontradas em livros como os de SKIDMORE, Thomas. Brasil : de Getúlio a Castelo (1930-1964) e Brasil: de Castelo a Tancredo.

⁸ ADORNO-SILVA, D.A.. A Mente Controlada. (tese de doutorado) FE/UNICAMP, 2001

pressuposição. Portanto, de certa forma, contrapõe-se aos esquemas do Estado totalitário, que são uniformes e diretivos, sem a pretensa oportunidade do diálogo (pressuposto das Redes sociais), que dão a impressão do contato interpessoal, embora mediado. Acredita-se, pois, que a imagem objetiva passa a ser assimilada prontamente, porque é envolvida pela crença de uma comunicação mais próxima, portanto afetiva.

A imagem objetiva, expressa por ícones, dependendo do modo como é veiculada, acaba por influenciar cada indivíduo isolado, uma vez que no isolamento, cada um necessita mais do outro quando ele se mostra forte e decidido, do mesmo modo como a criança precisa do pai (superego), ou seja, a imagem objetiva responde à necessidade do ego, que a assimila subjetivamente. Isso acontece com a comunicação mediada por computador, uma vez o estímulo pode ser repetitivo, excessivo e, portanto, convincente.

Nesse sentido, o indivíduo isolado está propenso a se associar, principalmente quando está insatisfeito e, principalmente, quando recebe estímulo excessivo. Conforme Freud, assim se faz o estímulo excessivo: “Não são necessários argumentos; mas pintar nas cores mais fortes o estímulo, deve exagerar e repetir várias vezes a mesma coisa. Um grupo é tão intolerante quanto obediente à autoridade.” (p.102). Mas, diferentemente, do que afirma o autor, crê-se que o respeito à tradição pode fragmentar-se, se a imagem que é passada é aquela que aproxima o receptor do outro pelo contato aparentemente direto.

Conclusão

Tendo em vista as reflexões, a partir da Teoria da Complexidade de Morin, conclui-se que a sociedade da imagem não constitui um fenômeno social atual, uma vez que a vida social só foi possível graças às linguagens que brotaram da mente humana, exteriorizando-se, ou seja, expressando-se em favor da comunicação com o outro. Essa comunicação atendeu à formação da identidade humana, assim como favoreceu o seu desenvolvimento físico e mental, enfim organizou suas relações com o outro, do mesmo modo que consigo mesmo instituindo-lhe a memória e consciência.

Para que o homem evoluísse, antes de pensar por palavras, expressão sonora que se iniciou com sons naturais (gritos, gemidos etc), conforme provam os estudos de Leroi-Gourhan, as primeiras expressões configuraram o ritmo e traços, por semelhança, representando animais primitivos. Isso leva a constatar que as imagens são anteriores à

escrita e, talvez, simultâneas à expressão sonora. Portanto, constata-se que o homem sempre viveu na civilização da imagem, que, desde os primórdios da civilização, ele interiorizou e expressou, modificando-se mentalmente e socialmente.

Essa relação dialética e dialógica com o outro e com o meio circundante: natural ou social – e consigo mesmo, sempre foi dependente da linguagem, sobretudo da imagem, mesmo para se impor pelo exercício de poder sobre os outros. Assim, analisando-se a imagem subjetiva (formada na mente humana) e sua expressão objetiva, para comunicação com o outro, ou outros indivíduos, como base do exercício de poder, conclui-se que o ser humano, assim como a civilização, se fez e se faz a partir da imagem, mesmo que ela seja, muitas vezes, utilizada reiterativamente para expressão de violências instituídas, a fim de serem internalizadas e consentidas pelos indivíduos da massa.

Referências bibliográficas:

ADORNO-SILVA, D. A.. **A Mente Controlada**. Campinas: FE/UNICAMP, 2001

AUMONT, J. **A Imagem**. Campinas, SP: Papyrus, 2007

CANETTI, Elias **MASSA E PODER**. São Paulo: Melhoramentos/Editora da Universidade de Brasília, 1986

FREUD, S.. **Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1969

LEROI-GOURHAN, A. **O Gesto e a Palavra: técnica e linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1990

LOWEN, A. **Narcisismo: negação do verdadeiro self**. S.Paulo: Cultrix, 1983

PEIRCE, C.S.. **Semiótica e Filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1972

SANTAELLA, S e NÖTH, W. **Imagem:** cognição, semiótica, mídia. S.Paulo: Iluminuras, 1998

SCHWARTZ-SALANT, N. **Narcisismo e Transformação do Caráter.** São Paulo: Cultrix, 1982

VIRILIO, P. **L'Écran du Désert:** Chroniques de Guerre, Chroniques de Guerre. Paris: Éditions Galilée, 1991

VIRILIO, Paul. **A Máquina de Visão:** do Fotograma à Videografia, holografia e infografia (computação eletrônica): a humanidade na “era da lógica paradoxal. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2003